



Encontro Inter-regiões - Sudeste

Região Sudeste - Evento Virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00568
INSTITUIÇÃO	Universidade federal de Viçosa
CAMPUS	Viçosa
CIDADE	Viçosa
UF	MG
CATEGORIA	RT
MODALIDADE	RT01
TÍTULO	(In)visibilidade do Futebol Feminino na história e na mídia
ESTUDANTE-LÍDER	Julia Camim
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Comunicação social/ jornalismo
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Alícia Rodrigues Pinheiro (Universidade Federal de Viçosa); Renan Junio da Silva Estanislau (Universidade Federal de Viçosa); Lara Teixeira Bernardes (Universidade Federal de Viçosa); Keryon dos santos faria (Universidade Federal de Viçosa); Katia de Lourdes fraga (Universidade Federal de Viçosa)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

O episódio "(In)visibilidade do Futebol Feminino na história e na mídia" produzido para a disciplina Laboratório de Radiojornalismo, foi transmitido no programa "Espaço Universitário" da Rádio Universitária 100,7 fm com o objetivo de colocar em prática o que foi trabalhado em sala de aula. Por ser um espaço compartilhado, abordamos as notícias acerca da transmissão em TV aberta da Copa Feminina de 2019 e também da prática de futebol em si, pois é um tema atual e que expressa muito sobre a questão da desvalorização e invisibilidade da mulher no futebol, já que esta é uma questão recorrente que existe desde a década de 1940, quando o esporte praticado por mulheres era proibido. Acreditava-se que a função feminina na sociedade era a maternidade e o cuidado com a casa, por isso, mulheres não deveriam praticar algo que pusesse seus corpos em risco. Com o tempo, a deslegitimação passou a se apoiar no campo da moralidade, então além de uma inadequação corporal, havia a justificativa de que o esporte era algo "feito", que masculinizava a mulher e tirava sua feminilidade. Hoje, com a luta feminista e o empoderamento feminino, vemos algumas mudanças, principalmente nas narrativas midiáticas. Por isso, buscamos trazer a evolução histórica da publicidade junto à notícia, incluindo propagandas com uma perspectiva de apoio e incentivo ao futebol e à Copa de 2019. Nessa perspectiva, chegamos à influência que a transmissão dessa Copa em um canal aberto traz: representatividade para aquelas que jogam e sonham com uma carreira no futebol e mostrar o quanto o futebol feminino ainda sofre com a falta de patrocínio e apoio, tanto da sociedade, que vê o futebol como um esporte exclusivamente masculino e considera o feminino como uma mera tentativa de se inserir no meio, quanto da própria mídia. O objetivo principal do episódio foi noticiar como o futebol feminino é tradicionalmente deixado de escanteio devido ao histórico de privilégios masculinos no nosso país, que cria estereótipos acerca da capacidade das mulheres. Além disso, buscamos ressaltar que o futebol feminino é um movimento de resistência que superou sua proibição e vem ganhando força e credibilidade, mas ainda enfrenta a falta de investimentos, patrocínio, de uma estrutura para treinamento e desenvolvimento dos times e a diferença salarial. Buscamos unir pesquisas fortalecidas por análises científicas com vivências de mulheres que estão no universo futebolístico, para trazer tanto o ponto de vista acadêmico acerca do assunto, quanto o prático. Em nossa pesquisa, constatamos que a mídia ainda olha para o futebol feminino como algo de menos valor e qualidade, como algo amador. Além de tratar as mulheres e os corpos femininos como objeto, hipersexualizando as atletas e reforçando a crença de que a mulher não é fisicamente capaz de realizar o esporte tal qual um homem. "Nos jogos a competência da mulher no esporte é deixada de lado para destacar as musas das Olimpíadas. No entanto, não acontece o mesmo com os homens. Não foram encontradas matérias que revelassem muso ou beldade nas modalidades masculinas." (VALDUGA, 2013, p. 25.). A apreciação da mídia acaba por desenhar o papel da mulher como simples coadjuvante na história, elas acabam perdendo espaço e não são reconhecidas como elementos constituintes de uma cultura esportiva. Por estarmos inseridos no meio universitário e convivemos diretamente com movimentos esportivos dentro da Universidade, vemos que ainda há um tímido incentivo à inclusão das mulheres no esporte e o simples fato de a Copa ser televisionada já traz motivação para participar e buscar cada vez mais o aperfeiçoamento de suas habilidades. Sendo assim, levar essa questão à tona e todas as suas problemáticas para o "Espaço Universitário", que é um programa

de uma rádio ouvida por toda a comunidade viçosense e estudantes da Universidade Federal de Viçosa, é importante para dar mais visibilidade ao tema.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

Destacamos a importância desta peça radiofônica, que mesmo sendo de cunho acadêmico, foi transmitida na Rádio Universitária FM, de Viçosa, tendo uma função social de levar o conteúdo não só para aqueles inseridos no meio universitário, mas à toda comunidade da cidade que acompanha o programa "Espaço Universitário", voltado para produções acadêmicas do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV. Com esse intuito, acreditamos que disseminar notícias relevantes pode viabilizar discussões sobre temas mais profundos e que interferem na configuração social, agindo como um fator de utilidade pública. Assim, iniciamos nossa pesquisa para fundamentar nossa linguagem nos conceitos de coloquialismo, clareza e objetividade para conquistar o ouvinte; além de orientações sobre pauta, produção e realização de edição (BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo R. Manual de Radiojornalismo, Editora Elsevier, 2001). Observando alguns entraves da nossa sociedade atual em reafirmar grupos minoritários, percebemos que a nossa função como futuros jornalistas, é dar espaço e visibilidade a estes, visando a manutenção de nossa democracia. Um dos grupos que mais sofrem com a repressão é o das mulheres, principalmente quando estão inseridas em meios tradicionalmente masculinos, como o futebol. Decidimos produzir uma edição do programa sobre jornalismo esportivo, abordando a notícia de que pela primeira vez, em 2019, a Copa do Mundo de Futebol Feminino seria transmitida em TV aberta. Com base no Manual do Jornalismo Esportivo, por Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, (Editora Contexto, 2006), consolidamos nossa pesquisa acerca do tema. Em seguida, iniciamos então as leituras de artigos e livros que elucidam a questão da relação entre esporte e mulher e a desvalorização do papel feminino frente às práticas esportivas. Buscamos também embasamento acerca da proibição do futebol feminino no Brasil de 1941 até 1983, para entender como a prática se tornou uma forma de resistência durante essas décadas. As leituras foram importantes porque, tendo em vista que as mulheres começaram a ganhar espaço e a serem reconhecidas pela prática esportiva após os 42 anos de proibição do futebol feminino, percebemos que outra situação-problema precisava ser esclarecida. Isso porque, apesar desses avanços, as mulheres continuam recebendo menos, principalmente quando se trata de recursos financeiros, refletindo o que já é historicamente comum no nosso país: a discriminação em função do gênero no mercado de trabalho, explicada por Marcelo Ikeda, no texto Remuneração por gênero no mercado de trabalho formal: diferenças e possíveis justificativas (BNDES, 2000). Camila Valduga, no texto O universo do futebol feminino na cultura brasileira: considerações a partir de recortes midiáticos (Revista Repositório UFSM, 2013), explica que essa diferença entre os gêneros no esporte é resultante dos valores desiguais impostos pela sociedade, que limitam as experiências que condizem com os sexos. Percebemos isso quando tratamos da questão das narrativas midiáticas que tratam o futebol feminino como algo menos importante porque o "país do futebol" é para os homens, como aponta Fábio Franzini, no texto Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol (Rev. Bras. Hist., 2005). Da análise dos impactos na sociedade da transmissão da Copa de 2019 em canal aberto - pelo menos de todos os jogos da Seleção Brasileira - tivemos contato com uma mídia que faz apologia à conservação da feminilidade e beleza. Apesar de agora notarmos uma evolução na forma como a publicidade e a propaganda abordam a luta das mulheres para ocupar e assegurar seu espaço no esporte, vimos que aqueles meios de comunicação voltados para o meio esportivo ainda retratam o futebol feminino com traços machistas, comentado muito mais do que a qualidade do esporte e o desempenho das atletas, fazendo referências aos seus corpos ou àquilo que é considerado "essência feminina".

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Começamos o processo de produção do episódio filtrando notícias esportivas que, a partir de um aprofundamento, poderiam trazer à tona discussões relevantes para todos que escutam o Programa "Espaço Universitário". Assim, decidimos trabalhar com a notícia de que pela primeira vez no Brasil haveria a transmissão em rede aberta da Copa do Mundo de Futebol Feminino. Além de noticiar, nosso objetivo era apontar os problemas que ainda hoje as mulheres enfrentam, não só no esporte, mas também em muitas outras atividades tradicionalmente masculinas. Começamos a perceber todas as questões mais profundas que se relacionavam com a notícia e a situação-problema central para fazermos uma pesquisa abrangente. Após a análise de diversas ramificações possíveis, selecionamos os assuntos principais que mais acrescentavam argumentos à nossa crítica em relação à invisibilidade da mulher no esporte, principalmente no futebol. Iniciamos a produção com a escrita do roteiro, tendo como base modelos usados em aulas da Professora Kátia Fraga. A edição foi feita a partir dos ensinamentos das oficinas oferecidas do técnico de áudio do Departamento de Comunicação, Leandro Vieira. Nosso produto começa com uma introdução sobre a notícia a ser abordada, a Copa Feminina de Futebol de 2019 e sua televisionização. Logo após, a fim de descobrir a origem do tratamento que o futebol feminino tem e já teve em nosso país, entrevistamos Giovana Capucim e Silva, autora do livro Mulheres Impedidas: A proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo (Editora Multifoco, 2017). Então, ainda no início dessa edição do programa, utilizamos uma sonora que traz informações sobre a cultura patriarcal brasileira, que ainda vê como dever da mulher o cuidado com os filhos e a casa. Em seguida, falamos sobre a evolução da publicidade da mulher no futebol e, como nosso objetivo era trazer várias perspectivas sobre assunto, buscamos também entrevistar jogadoras do Viçosa Clube, bicampeão do Campeonato Regional do Açúcar. Conseguimos com elas opiniões pessoais, baseadas na realidade em que vivem e decidimos incluir sonoras que contassem sua visão sobre os acontecimentos recentes. Uma delas nos disse que a mulher foi ganhando espaço ao longo dos anos e a representatividade é importante para quem sonha em ser profissional. Diante das informações obtidas com entrevistas e muita pesquisa, optamos por tratar também das dificuldades que a Seleção Feminina sofre, tanto financeiramente quanto em relação às titulações, para levarmos ao ouvinte o entendimento de que a diferença salarial entre os times masculinos e femininos é gritante. Depois, falamos sobre a qualidade do futebol feminino e sobre o reconhecimento que estão tendo devido à visibilidade que a transmissão dos jogos está trazendo. Por se tratar de uma notícia esportiva, decidimos conversar com Lizandra Trindade, jornalista da Globo RJ e do canal SporTV, para ter uma visão mais técnica da importância da transmissão dos jogos em rede aberta, trazendo a perspectiva da influência da comunicação na configuração social. Em uma parte de sua entrevista ela nos conta que grande parte das pessoas ainda enxergam o futebol como uma prática masculina. Também buscamos entrevistar universitárias, já que a cidade de Viçosa tem uma atuação dos estudantes muito grande em pautas sociais. Milena Nascimento, que joga futebol desde criança e hoje é atleta da A.A.A LUVE, trouxe, além de informações sobre a sua experiência, opiniões sobre a importância da visibilidade que está sendo dada ao futebol feminino. Acrescentando tais falas, buscamos mostrar a relevância de noticiar de forma bastante apurada, exibindo diversos cenários e contextos para trazer ao ouvinte o fato, mas também a forma como este influencia a vida em sociedade. Os processos de gravação de locução e edição foram realizados no Laboratório de Rádio do Departamento de Comunicação Social da UFV. Após a edição, o programa ficou com 26 minutos e 51 segundos de duração.